Exercícios interactivos para aprendizagem das línguas: aplicação ao mirandês

Adelina Moura[*]
adelina8@gmail.com
António Bárbolo Alves[*]
abarbolo@gmail.com

Resumo

La lhéngua mirandesa subrebiu n'ouralidade até finales de l seclo XIX. leite de Vasconcelos ampeçou la sue scrita, seguindo reglas fonéticas i eitimológicas qu'abrien de ser seguidas durante l seclo XX. An 1999, cun la publicaçon de la *Convenção Ortográfica Mirandesa*, stablecírun-se outras normas ounificadoras, simplificando l'ourtografie i fazendo cun que l mirandés ampeçasse a ser screbido pou un número amportante d'outores. A este renuobo nun ye alheno l reconhecimiento político, assi cumo l'antroduçon no ansino. Las TIC son un poderoso antrumiento d'ansino i la lhéngua mirandesa poderá beneficiar de las potencialidades tecnológicas. Neste artigo son apresentados alguns eisemples eizercícios cuncebidos cun l programa *Hot Potatoes*.

La langue mirandaise a survécu dans l'oralité jusqu'à la fin du siècle XIX. Leite de Vasconcelos a initié son écriture, suivant dans des règles phonétiques et étymologiques qui ont été suivies pendant le XX^{ème} siècle. En 1999, avec la publication de la *Convenção Ortográfica Mirandesa*, se sont établies autres normes unificatrices, en simplifiant l'orthographie et permettant que le mirandais commence à être écrit par un ensemble raisonnable d'auteurs.
À ce renouveau on doit aussi ajouter la reconnaissance politique, ainsi que son introduction dans l'enseignement. Les TIC sont un puissant instrument d'enseignement et la langue mirandaise pourra bénéficier des potentialités technologiques. Dans cet article on présente quelques exemples d'exercices faits conçus avec le programme *Hot Potatoes*.

Introdução

Os linguistas estão cada vez mais preocupados com o ritmo de desaparecimento das línguas. Cerca de vinte e cinco, cada ano[1]. Os motivos para o seu desaparecimento são variados, mas a globalização e o poder económico parecem estar no cerne da questão. Muitas línguas desaparecem ou porque grupos etnolinguísticos trocam a sua língua original por outra que oferece mais poder ou oportunidades, ou porque a população reduz e inviabiliza a sua continuidade. Por isso, a preservação do património linguístico deverá ser uma preocupação de todos os cidadãos e de todos os governos.

---

[*] A autora é professora do Ensino Secundário, Mestre em # pela Universidade do Minho onde desenvolve pesquisa, no âmbito do Doutoramento, na área das Novas Tecnologias e ensino das línguas. É falante nativa de mirandês.

[*] O autor é investigador do Centro de Estudos António Maria Mourinho, Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. É falante nativo de mirandês.

[1] O linguista francês Claude Hagège considera que cada quinze dias desaparece uma língua. A este ritmo, num século, o mundo perderá metade do seu património linguístico.
http://www.tlfq.ulaval.ca/axl/Langues/2vital_mortdeslangues.htm (consultado em 28/07/05).

Tal como há uma preocupação na preservação das espécies, também deverá haver uma preocupação em não deixar extinguir as línguas, visto que cada uma que desaparece é a perda de uma cultura e da alma de uma região. Há muitas línguas que estarão ameaçadas de extinção se nada se fizer no futuro.

Durante o século XX perderam-se cerca de metade das línguas do mundo. Uma língua pode desaparecer por completo, no espaço de duas gerações, se não se aprender no seio da família desde a mais tenra idade, se não for transmitida e valorizada pelos pais, se não for ensinada. Já ninguém duvida que uma das causas mais frequentes para o desaparecimento desta parte da riqueza da humanidade é a que decorre do domínio económico e cultural de línguas mais poderosas ou de maior prestígio[2].

Porém, nenhuma língua é "subdesenvolvida", no sentido em que seja menos capaz do que outra para permitir expressar o que o falante quer comunicar. Todas as línguas têm o mesmo nível de complexidade estrutural que permitem ao falante descrever e compreender o mundo em que vive. Como afirmou Viviane Reding[3], cada língua é uma grande língua para quem a articula como língua materna.

Grande parte dos países possui, para além da língua oficial, uma ou mais línguas regionais. No caso europeu, algumas conseguiram obter o estatuto oficial, como é o caso do basco, do catalão e do galego em Espanha, o galês no Reino Unido, o frísio, na Holanda, ou o mirandês em Portugal. Mas muitas outras há que ainda lutam por consegui-lo. O universo dos falantes destas línguas regionais ou também chamadas línguas "minoritárias" é de mais de 30 milhões de pessoas no espaço europeu.

Respeitar a diversidade linguística e cultural de cada indivíduo é um fundamento inscrito na Carta Europeia dos Direitos Fundamentais. No seu artigo 22º estabelece-se que "a União respeita a diversidade cultural, religiosa e linguística" e, neste sentido, a União Europeia tem adoptado um conjunto de medidas tendentes a preservar e promover as línguas regionais minoritárias da Europa. A Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias define língua minoritária como "*línguas tradicionalmente utilizadas por uma parte da população de um Estado que não sejam dialectos das*

---

[2] http://memoriavirtual.weblog.com.pt/arquivo/076501.html e também http://europa.eu.int/constitution/futurum/documents/offtext/sp111002_pt.htm

[3] Comissária Europeia para a Cultura e Educação discursando na Conferência *O futuro das línguas regionais e minoritárias na União Europeia* onde considerou que "a nossa língua materna é a língua dos nossos sentimentos mais profundos e das nossas mais fortes emoções, a voz dos nossos pensamentos mais íntimos. É a língua dos nossos corações. É o meio de expressão e transmissão da nossa cultura, das nossas tradições, da nossa visão global do mundo."

línguas oficiais desse Estado nem línguas de populações migrantes ou línguas criadas artificialmente".

Porém, o direito à diversidade linguística, consagrada em diversos textos legislativos, colide muitas vezes com interesses políticos e económicos. Por isso, para assegurar a sua sobrevivência e a sua promoção, deverão ser os falantes das línguas minoritárias a encarregar-se do seu próprio desenvolvimento.

É inegável que a prática duma língua local favorece o desenvolvimento intelectual e a abertura para outras culturas. O plurilinguismo é o reflexo mais fiel do multiculturalismo. Deste modo, o domínio da língua mirandesa tem ainda mais importância se se considerar que a mesma constitui uma "chave de acesso" ao património comum das culturas que se exprimem através das línguas românicas, assim como o conhecimento destas culturas permite enriquecer a aprendizagem e o domínio da língua mirandesa. Para Claude Hagège (2000), criador do conceito de "linguicídio", as línguas são o reflexo da imensidão de costumes e de formas de vida que constituem o mundo, são como janelas através das quais as povoações humanas põem o universo em palavras. A perda de uma língua significa a perda de uma visão do mundo: um empobrecimento e encurtamento da inteligência humana.

Mas as línguas não são apenas um meio privilegiado de comunicação entre os seres humanos. Elas encarnam a visão do mundo dos seus locutores, a sua forma de transmitir o saber. Apesar de todas as semelhanças, cada língua reflecte, de forma diferente, a realidade.

O destino das línguas ameaçadas

As línguas humanas são, ao mesmo tempo, mortais e imortais, nas palavras de Claude Hagène. Mas estará a maioria das línguas condenada a desaparecer? Alguns linguistas defendem que uma língua só pode sobreviver se tiver, pelo menos, 100.000 locutores. Ora, nas cerca de 6.000 línguas ainda faladas no mundo, a metade conta com menos de 10.000 falantes e um quarto com menos de 1.000. Outros há que defendem que as línguas, embora comparáveis aos seres vivos, não podem propriamente morrer. Em alguns casos elas podem mesmo "ressuscitar", se a vontade dos falantes e os registos existentes assim o permitirem.

Seja como for, a verdade é que ao ritmo actual a que as línguas desaparecem, no final deste século não restará nem sequer a metade. A sua extinção pode ocorrer por múltiplas razões, mas o certo é que a maioria das línguas ameaçadas pertencem a

comunidades não soberanas. Por isso, um dos principais factores que impede o seu desenvolvimento e acelera o processo de substituição linguística é a ausência de um governo autónomo e a política de Estados que impõem a sua estrutura político-administrativa e a sua língua. A invasão, a colonização e a ocupação, assim como outros casos de subordinação política, económica ou social, implicam também, frequentemente, a imposição directa de uma língua estrangeira ou a distorção da percepção do valor das línguas e o aparecimento de atitudes linguísticas hierarquizantes que afectam a lealdade linguística dos falantes.

A tomada de consciência de que é necessário proteger as línguas remonta a meados do século XX, quando os direitos linguísticos foram integrados na Declaração Universal dos Direitos do Homem, da ONU[4]. A partir daqui foi criada uma série de instrumentos e desenvolvidos muitos projectos com vista à salvaguarda deste património da humanidade. Muitos deles têm, pelos menos, o mérito de travar o processo de extinção, promovendo o multilinguismo como uma característica fundamental da espécie humana.

Para além da ONU, também a UNESCO e a própria AIDLCM têm desencadeado múltiplas acções no sentido de minimizar o desaparecimento das línguas e culturas. Assim, a **declaração universal dos direitos linguísticos,** elaborada por instituições e ONG's prestigiadas, reconhece os direitos linguísticos específicos tanto para as *comunidades* (aquelas historicamente instaladas no território), como para os *grupos* (originados pela emigração ou asilo) e tem por finalidade favorecer um quadro de organização política da diversidade linguística baseado no respeito, na convivência e no benefício recíprocos[5].

Segundo estudos realizados e apresentados pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), estima-se que existam entre 5.000 e 7.000 línguas faladas no mundo, das quais entre 4.000 e 5.000 são indígenas. E mais de 2.500 estão

[4] Artigo 2 – "Todo homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição."

[5] A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos foi proclamada entre 6 e 8 de Junho de 1996, em Barcelona, durante a Conferência Mundial de Direitos Linguísticos, com a assistência de 66 ONG's, 41 Centros PEN e 41 especialistas em legislações linguísticas de todo o mundo, uma iniciativa da Comissão para os direitos de tradução e linguísticos (PEN Internacional) e o CIEMEN (*Centro Internacional Exarré para as Nações e Minorias Étnicas*), e contou com o apoio moral e técnico da UNESCO. Os signatários foram os delegados das ONG's, dos Centros PEN, e os especialistas, e a Declaração foi entregue, junto com o texto, ao Representante do Director Geral da UNESCO.

ameaçadas de desaparecimento imediato, enquanto muitas outras perdem pouco a pouco os seus vínculos com a natureza[6].

Os números do PNUMA revelam que 32% das línguas faladas no mundo se encontram na Ásia, 30 % em África, 19 % na Oceânia, 15% nas Américas e 3% na Europa. Atendendo a estes dados, no recente Fórum de ministros dos cinco continentes, realizado em Nairobi, o PNUMA declarou-se favorável à defesa das culturas e línguas indígenas como uma das prioridades para a protecção do meio ambiente. "A liberalização dos mercados do mundo é talvez a chave do crescimento económico nos países ricos e pobres, mas isto não deve ser feito em detrimento das milhares de culturas indígenas e das suas tradições", declarou o director executivo do PNUMA, Klaus Toepfer: "O desaparecimento de uma língua e do seu contexto cultural equivale a queimar um livro único sobre a natureza", afirmou ainda aquele responsável.

Segundo alguns especialistas, 234 línguas indígenas contemporâneas já desapareceram completamente. E prevê-se que, durante o século XXI, 90% das línguas faladas no mundo desaparecerão, ao "ritmo de desaparecimento das espécies vivas" (HAGÈGE, 2000: 229-230).

Também o PEN[7] faz ouvir a sua voz em defesa do pluralismo linguístico como parte da diversidade e da herança culturais do mundo. Este organismo tem por objectivo assegurar a compreensão do papel essencial que as traduções têm na construção de pontes em sociedades pluralistas, bem como incentivar a fruição de literaturas de culturas diferentes.

Apesar deste panorama, menos positivo, existe sempre esperança para algumas línguas, porque há línguas que podem ser ressuscitadas, mesmo depois de um grande

---

[6] Cf. http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1358

[7] P.E.N (Poetas e Ensaístas e Novelistas) Internacional também conhecido por PEN CLUB, é a maior e a mais antiga organização de escritores do mundo inteiro. Foi criada em 1921, no rescaldo da primeira guerra, por escritores ingleses e o seu primeiro Presidente foi John Galsworthy, Prémio Nobel em 1932. O Comité dos Direitos Linguísticos e de Tradução foi criado em 1978. Tem a tarefa de estimular o aparecimento de traduções, especialmente de literatura contemporânea escrita em línguas com um número menor de falantes, tanto em línguas globais como noutras. O Comité submeteu à UNESCO uma proposta para uma Declaração Universal dos Direitos Linguísticos a fim de esta ser adoptada como texto do direito internacional. Esta proposta defende que cada pessoa tem direito a usar a sua própria língua, e que cada grupo ou comunidade linguística tem o direito colectivo de usar a sua língua. Um plano contínuo de actividades apoia a realização de seminários e outros projectos que juntem escritores, poetas e tradutores. O Comité dos Direitos Linguísticos e de Tradução apoia projectos para a publicação multilingue e traduzida de escrita literária.
http://penclube.no.sapo.pt/pen_portugues/agenda/passado/2004.09.06.htm (consultado em 28/07/05)

período de esquecimento, desde que haja uma vontade colectiva de as revitalizar (Hagège: 2000).

A diversidade linguística

A noção da importância da língua que falamos não se adquire senão quando se toma plena consciência do valor da própria língua. É nessa altura que surge a noção de que a língua é laço, é união, é presença no mundo e falar é defender a vida de uma comunidade. Manter uma língua vernácula é consolidar a própria cultura e resistir à massificação. A este respeito Roland Barthes diz que é essencialmente um acto colectivo, ao qual nos temos de submeter em bloco, se quisermos comunicar.

A língua pertence ao mais fundo de cada ser humano. Aprendemo-la de forma instintiva, sem darmos por isso, e nunca mais alteramos os seus rasgos fundamentais. Com ela empreendemos uma viagem que vai do mais fundo da nossa alma, o poço onde cada dia a nossa mente retira centenas de frases com admirável criatividade, até chegar à comunidade onde vivemos.

Falar é como respirar. Fazemo-lo sem pensar nisso, enquanto vamos fazendo outras coisas. Mas se nos falta o ar sentimos que nos afogamos, que nos morremos, e tudo o resto deixa de ser importante. Por isso, a fala é tão importante para a nossa mente como o ar que respiramos. Contudo, e isto é uma diferença fundamental, não falamos de forma automática, mas segundo um mecanismo de criatividade único e individual.

Todas a línguas possuem uma “gramática”. Todas têm um fundo idêntico. O mito de Babel, segundo o qual Deus castigou os homens, que assim se espalharam pelo mundo, dando a cada um uma língua diferente, não é mais do que isso, um mito que tenta responder à dúvida da diversidade linguística. Contudo, a explicação parece-nos que deve ser vista ao contrário. Ou seja, foi porque as comunidades humanas se foram afastando umas das outras que as línguas se foram também distanciando. Isto não quer dizer que tenha existido uma língua primeira, mas apenas que a faculdade para falar é comum a todos os seres humanos. Como se na cabeça de cada criança houvesse um molde de barro onde cada língua vai deixando as suas marcas. O resultado parece diferente de uma a outra, mas todas têm em comum a matéria primeira, o mesmo barro onde os cunhos são gravados.

Almeida (1997) considera que a aprendizagem de uma língua materna acontece de forma natural no seio familiar, “a criança aprende a língua que se lhe ensina. Mandarim ou russo, croata ou português. Do ponto de vista objectivo, qualquer delas é uma língua

com uma determinada estrutura desenvolvida e elaborada colectivamente ao longo de séculos e em poucos anos absorvida por uma criança".

Mas a língua materna é única porque marca os seres humanos desde o seu nascimento, dando-lhes sobre o mundo um olhar singular que nunca se extingue, independentemente do número de línguas que se venha a adquirir posteriormente. Aprender línguas de outras populações é uma maneira de percepcionar o mundo de diferentes formas, fazer-lhe outras aproximações, nas palavras do Director Geral da UNESCO, Koitiro Matūra[8].

Alguns programas de mobilidade de estudantes e de profissionais (Erasmus, Comenius, Leonardo) vieram tornar visível a necessidade de aprender línguas e de mobilizar conhecimentos linguísticos e culturais e predisposições de carácter sócio-afectivo em situações de contacto com a alteridade. O surgimento de conceitos como "cultura linguística" que engloba três dimensões: cognitiva, afectiva e comportamental (SIMÕES: 2003), vieram dar importância à criação de uma política linguística da Europa pela promoção do plurilinguismo e do multiculturalismo europeus e ao mesmo tempo enfatizar a ideia de defesa de línguas minoritárias[9].

Foi com base neste pluralismo linguístico e na identidade regional que o mirandês se constituiu como língua oficial dentro do território português.

O mirandês: algumas considerações históricas

Em 1882, José Leite de Vasconcelos dava a conhecer ao mundo a existência do mirandês, ao afirmar que não era só "o Português a única língua usada em Portugal (...) fala-se aqui também o mirandês". Reconhece, ainda, a natureza não galego-portuguesa do mirandês, ao "estabelecer que o mirandês pertence ao domínio espanhol, como próximo do leonês". Alguns anos mais tarde, no início do século XX, dá à estampa os dois volumes intitulados *Estudos de Filologia de Mirandesa* que continuam a constituir uma obra de referência para a língua mirandesa.

Foi também este filólogo a estabelecer as primeiras normas escritas, de base fonética, que haveriam de ser seguidas até finais do século XX. Mas foi o contributo de outro grande sábio, Menéndez Pidal que, no início do mesmo século XX, se estabeleceu a filiação leonesa do falar mirandês. As raízes asturo-leonesas documentam esse falar

[8] Cf. http://babylonia.blogs.sapo.pt/arquivo/2004_09.html (consultado em 29/07/05).
[9] Com a publicação da "Charte européenne des langues régionales ou minoritaires" pelo Conselho da Europa, em 1992.

que se falou numa região muito mais vasta, que ia desde as actuais Astúrias até cerca da Guarda, em Portugal, prolongando-se por Trás-os-Montes, até cerca de Bragança, e pela Espanha, por terras saiaguesas e salmantinas. Mas, sem nunca ter tido uma norma escrita que a fixasse, e sofrendo as contingências políticos e geográficas que concorreram para o afastamento dos grupos humanos que a falavam, esta língua apenas se manteve no extremo norte e sul. O tempo e a distância fizeram o resto.

Como é que o mirandês se manteve e como conseguiu sobreviver até aos nossos dias? Natural seria que, uma vez quase desaparecido o leonês, do outro lado da fronteira, e dada a grande uniformidade da paisagem linguística de Portugal, esta língua desaparecesse aqui também.

Antes de mais foram as condições históricas e geográficas, que têm a ver com o "isolamento" da região com o resto do país, mas também as suas seculares ligações com as regiões limítrofes, que concorreram para a manutenção do mirandês. Por outro lado, também a vitalidade das tradições etnográficas e culturais contribuiu, à sua maneira, para a construção do edifício identitário mirandês. A força e o amor das gentes mirandesas ao seu torrão natal fizeram o resto, trazendo até nós esta língua, orgulhosamente diferente dentro do território português.

Ensinar e aprender mirandês

A vitalidade de uma língua não se mede apenas pelo número de falantes. Apesar de ventos nem sempre auspiciosos, o mirandês é falado por algumas milhares de pessoas, sobretudo nas zonas rurais, sobretudo no trato diário, no comércio local, mas também na família ou entre vizinhos.

Este falar *rústico*, segundo D. Jerónimo Contador de Argote, *charro* na opinião de muitos mirandeses, falar comparável aos versos das pitonisas dos oráculos gregos, para Leite de Vasconcelos, o mirandês tem tido diferentes tratamentos ao longo dos tempos e, ainda hoje, é alvo de diferentes considerações por quem o conhece ou contacta. Mas o que é verdadeiramente inegável é a proeza que foi sobreviver durante tantos séculos e conseguir chegar até aos nossos dias, como uma raridade que é preciso preservar e proteger (CEOLIN: 2002). Apesar de hoje as camadas mais jovens mirandeses já pouco comunicarem na língua dos seus pais e avós, continua presente, em diferentes manifestações do quotidiano dos mirandeses.

A Convenção Ortográfica Mirandesa, publicada em 1999, veio colmatar uma lacuna no código escrito, ao permitir uma uniformização ortográfica que pode ser

utilizada sem restrições, quer a nível científico quer quotidiano. Também a oficialização do mirandês – através da Lei nº 7/99 – reconheceu o direito dos mirandeses a usarem a sua língua e o direito da criança à sua aprendizagem é preconizado no Despacho Normativo n.º 35/99, que veio regulamentar o direito a aprender *mirandês, bem como o necessário apoio logístico, técnico e científico*. Neste Despacho é facultado aos alunos dos ensinos básico e secundário do concelho de Miranda do Douro a aprendizagem do mirandês, como vertente de enriquecimento do currículo. Cabe aos estabelecimentos de ensino a gestão das necessidades e a criação das condições necessárias à sua concretização.

No sentido de defender e evitar a morte desta língua secular, a ênfase no seu ensino parece fazer todo o sentido e deve merecer o apoio das estruturas políticas nacionais e regionais. Na impossibilidade que a sua aprendizagem oral continue a ocorrer no seio da família, como acontecia há algumas décadas atrás, o ensino formal pode ser o caminho do futuro. Neste sentido, é também à escola que se pede que promova projectos de sensibilização para o pluralismo linguístico e a preservação da identidade cultural de um povo, através da protecção da sua língua.

As TIC no ensino do mirandês

A informática é mais uma ferramenta ao dispor do professor, como são ferramentas o manual, a imprensa, o retroprojector, a televisão e devem, todas elas, ser utilizadas consoante os objectivos a atingir.

Desde há vários anos que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são utilizadas nas várias áreas da sociedade. Deste ponto de vista, a escola precisa, urgentemente, de as integrar no quotidiano escolar se não quer ficar definitivamente isolada. Isto mesmo refere Jacques Tardif, "o desenvolvimento exponencial das TIC, assim como a sua força, impedirão que a escola as trate com ligeireza e duma maneira superficial, exigindo reflexões sérias sobre as modalidades e o grau de integração" (TARDIF, 1998). Assim, vários planos de equipamento dos diferentes níveis de ensino, acompanhados ou não de medidas de suporte pedagógico, têm sido postos em marcha no nosso país pelas entidades competentes.

As potencialidades pedagógicas das TIC são enormes quando usadas de uma forma planeada e sistemática. Neste sentido, potenciam o desenvolvimento de competências de trabalho para a autonomia, numa óptica do "aprender a aprender", pela enorme variedade de ferramentas de investigação que possibilitam. "Se é verdade que

nenhuma tecnologia poderá jamais transformar a realidade do sistema educativo, as tecnologias de informação e comunicação trazem dentro de si uma nova possibilidade: a de poder confiar realmente a todos os alunos a responsabilidade das suas aprendizagens (CARRIER, J.-P., 1998)".

São inúmeros os suportes informáticos disponíveis para a prática educativa e a aprendizagem de línguas. A interactividade é uma vertente importante no processo educativo, não só *funcional* mas sobretudo *mental* (JACQUINOT, 1997). Estamos a falar de uma interactividade que implique o aluno, levando-o a agir, a tomar opções quanto às actividades a desenvolver, ao grau de dificuldade, à sua duração ou participando na sua resolução com os colegas.

O programa *Hot Potatoes* é um dos softwares que potencia a interactividade e o trabalho autónomo. Foi criado por uma equipa do centro de línguas da Universidade de Vitória, no Canadá, para Mac e Windows. Permite conceber e publicar exercícios que poderão ser usados na Internet ou Intranet. É composto por seis aplicações ou módulos que permitem criar diferentes tipos de exercícios: escolha múltipla, espaços em branco, palavras cruzadas, associação, resposta curta, frases em desordem.

Trata-se de um programa com uma versão gratuita, para pessoas e instituições educativas sem fins lucrativos, na condição de que o material produzido com o programa *Hot Potatoes* seja disponibilizado gratuitamente a todos via Internet. O software pode ser descarregado a partir do seguinte endereço: http://web.uvic.ca/hrd/hotpot/, bastando que o futuro utilizador se registe para obter uma chave e poder desfrutar plenamente das diferentes aplicações do programa.

A diversificação de tarefas na sala de aula pode e deve contemplar cada vez mais a utilização das TIC. O programa *Hot Potatoes* é um precioso instrumento na implementação das TIC pois permite a criação de exercícios interactivos para utilização através da Web, designadamente através das páginas das escolas, entre outras possibilidades. Com este programa o professor de mirandês (ou doutra disciplina curricular) pode criar de uma forma simples actividades atractivas para os alunos.

Através de um conjunto de materiais didácticos desenhados para facilitar a auto-aprendizagem, disponibilizados *on line* em plataforma de ensino interactiva, incentiva-se no aluno um grau de autonomia elevado. Este poderá construir o seu percurso, de acordo com o seu ritmo e estilo de aprendizagem, seleccionando materiais/actividades e despendendo um número de horas compatível com a sua disponibilidade de tempo.

Apresentamos, de seguida, alguns dos objectivos que o uso deste tipo de software pode permitir atingir:

- incentivar o gosto pela aprendizagem da língua mirandesa;
- levar os alunos a encarar a língua mirandesa como um meio de comunicação regional possível, quer literário, quer funcional;
- diversificar os instrumentos de ensino/aprendizagem de modo a motivar o máximo de alunos possível;
- criar uma pequena comunidade de aprendizagem com espírito de colaboração e partilha;
- desenvolver a autonomia através do estudo autónomo e da aprendizagem colaborativa;
- promover a literacia informática;
- alargar horizontes.

Nesta comunicação pretende-se divulgar a utilização deste programa junto da população em geral e dos professores de línguas em particular, através da criação de alguns exercícios.

A utilização das TIC nas prática pedagógicas quotidianas insere-se numa nova etapa da didáctica de línguas (ANDRADE & ARAÚJO e SÁ: 2001; ARAÚJO e SÁ: 2004), do plurilinguismo, já não uma didáctica instrumental ou específica de uma língua particular, capaz de vencer "uma abordagem da educação e formação linguística monolingue, estanque, compartimentada, pragmática, perfeccionista, para se lançar numa empresa ambiciosa onde as línguas não se debatem umas contra as outras, mas antes concorrem de igual modo para o desenvolvimento de sujeitos, grupos e sociedades mais capazes de lidarem com a diversidade e de fazerem dela uma poderosa alavanca de desenvolvimento" (ARAÚJO e SÁ: 2004).

Atendendo a que a língua é um objecto de estudo e aprendizagem em si mesmo, tal como outros objectos do conhecimento, criámos um conjunto de exercícios que permitem ao aluno aprender ou exercitar alguns conteúdos linguísticos de índole gramatical ou cultural.

Apresentamos de seguida alguns exemplos realizados com o programa *Hot Potatoes* e aplicados ao ensino/aprendizagem da língua mirandesa.

Com a aplicação JBC construímos um exercício de escolha múltipla para uma actividade de interpretação textual. Escolhemos um texto da literatura oral mirandesa "L home que nun tenie quei comer" e sobre ele colocámos algumas perguntas. O aluno depois de ler e compreender o texto deverá escolher a resposta correcta entre as três apresentadas, como se pode ver na figura 1.

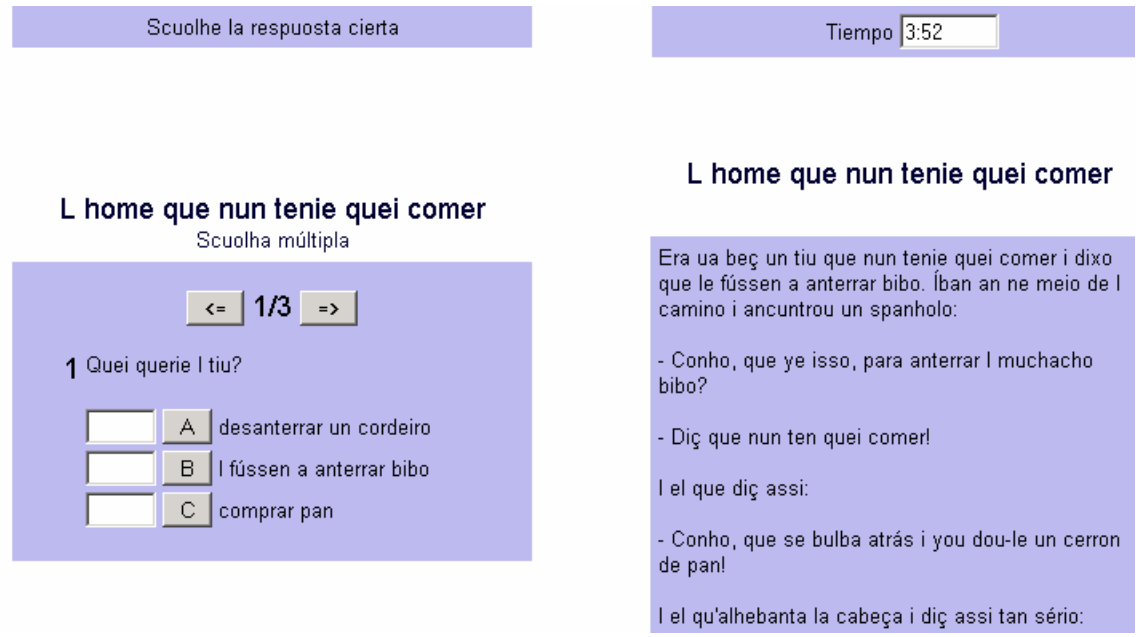


Figura 1 – Exercício de escolha múltipla (interpretação textual)

A aplicação JQUIZ permite realizar exercícios de resposta curta, bastante útil para realizar testes culturais. Para tal, a partir da recente publicação Ls Zoelas colocámos um conjunto de perguntas para leitura orientada que pode ser visto na figura 2. O aluno terá de ler a obra e encontrar a frase ou expressão correspondente à pergunta.

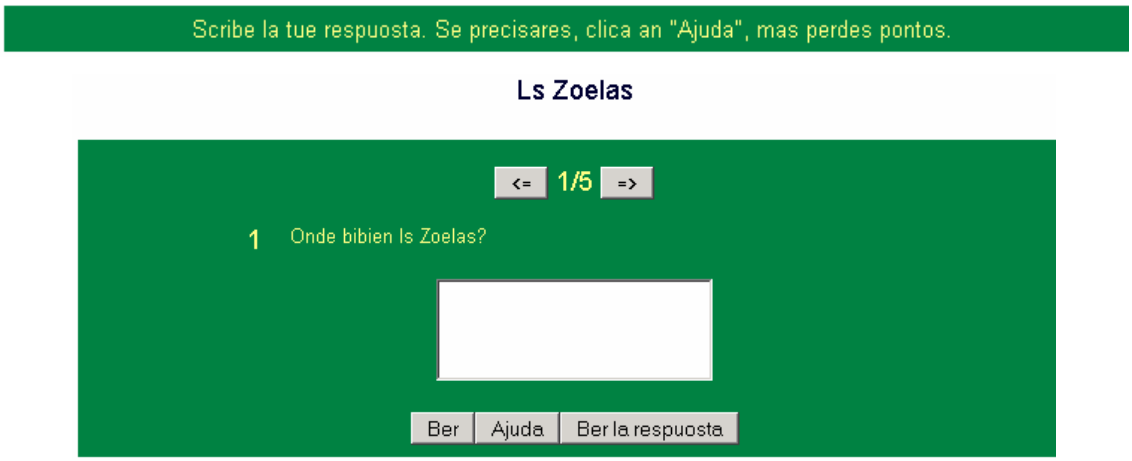


Figura 2 – Exercício de resposta curta (Ls Zoelas)

A aplicação JMIX permite realizar exercícios com frases ou palavras desordenadas. É muito útil para a aprendizagem escrita de línguas ou para aprender provérbios, definições e ditados populares. Dentro desta lógica apresentamos um ditado popular das terras de Miranda, como se pode ver na figura 3. O aluno terá de escolher cada uma das palavras até formar o ditado correcto. Se não conseguir acertar pode pedir ajuda e saber qual a palavra ou letra que vem a seguir, no entanto, esta ajuda retira pontos ao aluno, pelo que deve pensar muito bem antes de escolher a palavra para que perca o menor número de pontos possíveis.



Figura 3 – Exercício de frase desordenada (ditos dezideiros)

Com a aplicação JCROSS construímos um exercício de palavras cruzadas sobre um aspecto do funcionamento da língua, as subclasses pronominais, representado na figura 4. As palavras cruzadas apresentam-se como uma actividade lúdica motivadora e que colhe, quase sempre, a adesão dos alunos. Neste exercício o aluno terá de clicar sobre o número para saber o assunto e de seguida escrever a resposta correcta.

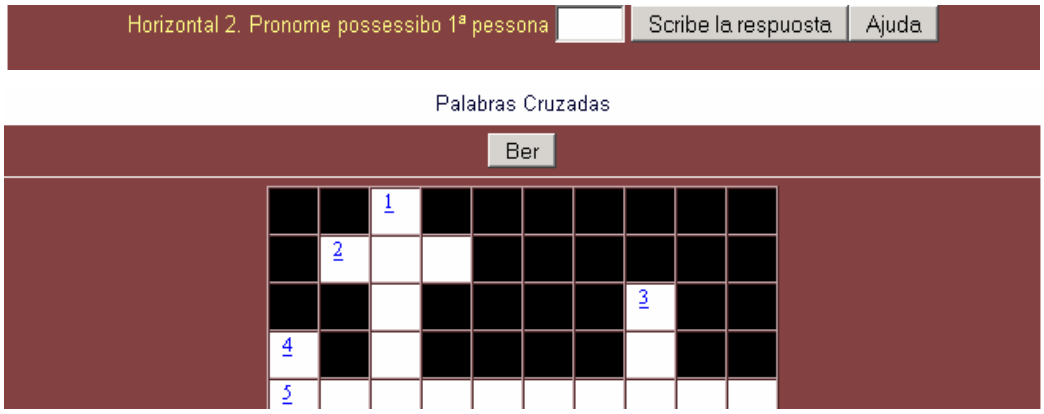


Figura 4 – Exercício de palavras cruzadas (os pronomes)

A aplicação JMATCH permitiu-nos trabalhar a tradução do mirandês para o português. O aluno terá de associar a palavra correcta da direita à da esquerda, como representa a figura 5.



Figura 5 – Exercício de associação (tradução)

Com o JCLOZE realizámos uma actividade de identificação verbal. A um texto da literatura oral mirandesa "L Sapo" retirámos as formas verbais produzindo o exercício lacunar da figura 6. É pedido ao aluno que complete o texto com as formas verbais em falta a fim de obter o texto original.

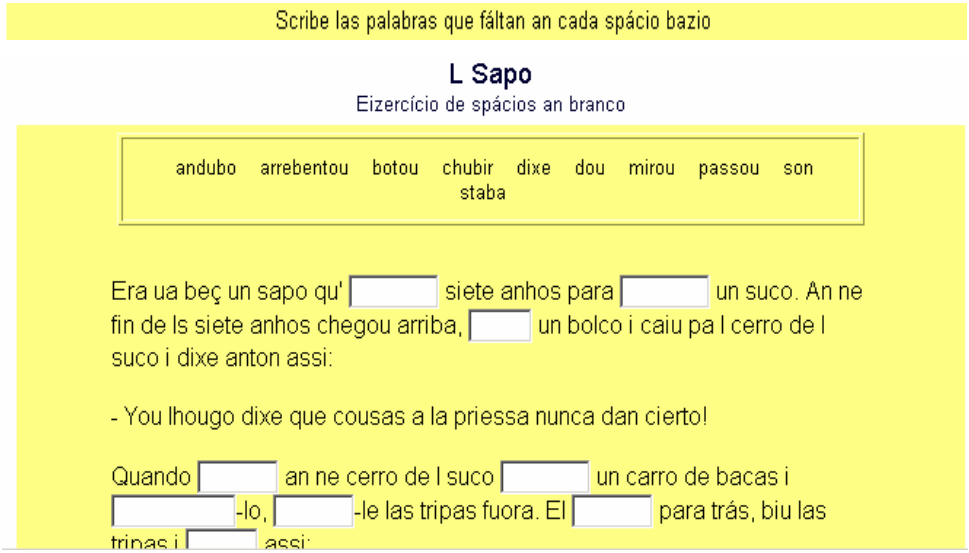


Figura 6 – Exercício de espaços em branco (formas verbais)

Todas as actividades que realizámos pretendem criar um ambiente de ensino/aprendizagem inovador, atractivo e capaz de levar o aluno a construir a sua própria aprendizagem.

Conclusão e perspectivas

A ideia que temos de determinada língua (forte ou fraca) depende, em larga escala, da maneira como encaramos a civilização que dela se serve para comunicar. A Sociolinguística ensina que não há línguas boas ou línguas más e que fazer uso delas para comunicar é usufruir de poder. Falar é poder!

A política de comunicação e progresso, se não é baseada no respeito e na defesa de todas as línguas, como faz a UNESCO, condena ao desaparecimento a maioria das línguas do mundo.

A principal causa deste desaparecimento é, nos nossos dias, a globalização, que indirectamente padroniza o idioma de cada nação. Isso faz com que as línguas que não são oficiais acabem por ser pouco valorizadas e faladas por um número cada vez menor de pessoas. Segunda a UNESCO para que uma língua seja transmitida de uma geração a outra é necessário que seja falada por pelo menos 100 mil falantes. Deste ponto de vista, o futuro do mirandês encontra-se comprometido.

A escola pode ser a tábua de salvação para a preservação das línguas ameaçadas, por isso as metodologias de ensino/aprendizagem têm de acompanhar a evolução da sociedade, através de projectos mais inovadores e atractivos, porque uma língua que não se defende extingue-se.

Cabe às gentes que vivem no extremo nordeste de Portugal e que desde sempre têm convivido com a língua mirandesa e a sentem como sua, continuar a promover a sua defesa e preservação. À escola cabe a árdua tarefa de captar cada vez mais jovens para aprender a língua mirandesa, no sentido da sua continuidade por mais algumas gerações. Compete-lhe, também, sensibilizar a população para a riqueza cultural que é uma língua. Para tal precisa de desenvolver projectos inovadores capazes de competir com outros pólos de interesse social. Neste ponto, as TIC podem dar um contributo impressionante.

Inovar em educação é necessário como se depreende das palavras de Geneviève Jacquinot (1995): “Os média só podem servir de fonte de acesso ao conhecimento se forem integrados, dentro ou fora da escola, no quadro de um projecto ou de uma metodologia. (…) É urgente definir uma nova função da escola na sociedade actual. A questão mais importante é a de saber como vamos fazer uma educação democrática para todos ou, pelo menos, para uma maioria. (…) Devemos construir um discurso sobre a nova função da escola na sociedade tecnológica e criar práticas novas. Uma “educação

para os media” bem controlada, exigente, pode ajudar-nos muito nessa tarefa”. O ensino das línguas exige novas práticas, novos desafios metodológicos.

Tal como dizia Fernando Pessoa (pela boca do seu semi-heterónimo Bernardo Soares) «a minha pátria é a língua portuguesa», o mirandês diz “a minha pátria é a língua mirandesa”.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, O., T. (1997). A Pátria da língua de Pessoa e de cada qual *In Revista da Faculdade de Letras*, nº 21-22 (5ª Série). Porto: pp. 15-21.

ANDRADE, A. I.; ARAÚJO e SÁ, M. H. (2001)."Para um diálogo entre as línguas: da sala de aula à reflexão sobre a escola. In *Inovação*, 14, 1-2, 149-168.

ARAÚJO e SÁ, M. H. (2004). "Do triunfo do particularismo à diluição das fronteiras: a Didáctica de Línguas face a novas utopias". In *II Encontro Nacional da SPDLL: Didácticas e Utopias*, 13-15 de Maio, Universidade do Algarve, Faro.

CARRIER, J-P.(1998). *S'informer et communiquer*, Vers l'Education Nouvelle, nº 487, 7

CEOLIN, Roberto (2002) "Um enclave leonês na paisagem unitária da língua portuguesa", *Ianua, Revista Philologica Románica*, nº 3, p. 62-83, in http://hades.udg.es/romaniaminor/ianua/.

HAGÈGE, C. (2000). *Halte à la mort des langues*. Paris: Odile Jacob.

http://web.ipn.pt/literatura/letras/ensaio59.htm

http://www.instituto-camoes.pt/cvc/idiomatico/02/01.html (consultado em 28/07/05)

http://www.romaniaminor.net/ianua/Torino/Torino05.pdf (consultado em 29/07/05)

KINDELL, G. (s/d). Endangered Language Groups. ***http://www.sil.org/sociolx/ndg-lg-grps.html*** (consultado em 24/07/05)

MELO, S. (2004) *A utilização das TIC no ensino-aprendizagem de línguas: o projecto Galanet no contexto europeu de promoção da intercompreensão em Línguas Românicas. O caso do PLE.*

PAIVA BOLÉO, M. de; SANTOS SILVA, M. H. (1962): «Mapa dos dialectos e Falares de Portugal». In: *Actas do IX*^{eme} *Congrés International de Linguistique Romane*. Lisboa.

SIMÕES, A. R. (2003). "Aquele de camisa às flores é brasileiro": estereótipos sobre línguas e povos manifestados por alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico. In *Poder e Persistência dos Estereótipos*. Aveiro: Universidade de Aveiro, Novembro 2003.

TARDIF, J. (1998). *Intégrer les nouvelles technologies de l'information. Quel cadre pédagogique?*, Paris, ESF.